



A Santa Sé

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 6 de Maio de 1998

1. A primeira bem-aventurança citada no Evangelho é a da fé, e refere-se a Maria: «Feliz daquela que acreditou» (*Lc 1, 45*). Estas palavras, pronunciadas por Isabel, põem em relevo o contraste entre a incredulidade de Zacarias e a fé de Maria. Ao receber a mensagem do futuro nascimento do filho, Zacarias teve dificuldade em crer, julgando o facto irrealizável porque, tanto ele como a sua esposa, eram de idade avançada.

Maria na Anunciação é posta diante de uma mensagem ainda mais extraordinária, como é a proposta de se tornar a mãe do Messias. A essa perspectiva Ela reage não com a dúvida, mas limitando-se a perguntar como a virgindade, à qual se sente chamada, poderia conciliar-se com a vocação materna. À resposta do anjo, que indica a onnipotência divina a operar através do Espírito, Maria dá o seu consentimento humilde e generoso.

Naquele momento único da história da humanidade, a fé desempenha um papel decisivo. Justamente Santo Agostinho afirma: «Cristo é acreditado e concebido mediante a fé. Em primeiro lugar actua-se a vinda da fé ao coração da Virgem, e depois vem a fecundidade no seio da mãe» (*Sermo 293, PL 38, 1327*).

2. Se desejamos contemplar a profundidade da fé de Maria, serve-nos de grande ajuda a narração evangélica das bodas de Caná. Diante da falta de vinho, Maria poderia procurar qualquer solução humana ao problema que se apresentou, mas não hesita em dirigir-se imediatamente a Jesus: «Não têm vinho» (*Jo 2, 3*). Ela sabe que Jesus não tem vinho à Sua disposição; de maneira verosímil pede então um milagre. E o pedido é tanto mais audaz, uma vez que até àquele momento Jesus ainda não operara nenhum milagre. Agindo deste modo, Ela obedece, sem dúvida, a uma inspiração interior, uma vez que, segundo o plano divino, a fé de

Maria deve preceder a primeira manifestação do poder messiânico de Jesus, como precedeu a Sua vinda sobre a terra. Ela encarna já aquela atitude que será louvada por Jesus a respeito dos verdadeiros crentes de todos os tempos: «Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditarem!» (*Jo 20, 29*).

3. A fé a que Maria é chamada, não é fácil. Já antes de Caná, ao meditar palavras e comportamentos do Filho, Ela teve de exercitar uma fé profunda. Emblemático é o episódio de Jesus ao desaparecer do Templo aos doze anos de idade, quando Ela e José, angustiados, tiveram de ouvir a Sua resposta: «Por que Me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de Meu Pai?» (*Lc 2, 49*). Mas agora, em Caná, a resposta de Jesus ao pedido da Mãe parece ainda mais precisa e de modo algum encorajadora: «Que temos nós com isso, mulher? A Minha hora ainda não chegou» (*Jo 2, 4*). Na intenção do IV Evangelho não se trata da hora da manifestação pública de Cristo, mas sim da antecipação do significado da Hora suprema de Jesus (cf. *7, 30; 12, 23; 13, 1; 17, 1*), cujos frutos messiânicos da redenção e do Espírito são representados de modo eficaz pelo vinho, como símbolo de prosperidade e de alegria. O facto, porém, de esta Hora ainda não estar cronologicamente presente é um obstáculo que, vindo da vontade soberana do Pai, parece insuperável.

Entretanto, Maria não renuncia ao seu pedido, a ponto de empenhar os servos na realização do milagre esperado: «Fazei o que Ele vos disser» (*Jo 2, 5*). Com a docilidade e a profundidade da sua fé, Ela lê as palavras de Cristo para além do seu sentido imediato. Intui o abismo insondável e os recursos infinitos da misericórdia divina, e não duvida da resposta de amor do Filho. O milagre responde à perseverança da sua fé.

Maria apresenta-se como modelo de uma fé em Jesus que resiste a todos os obstáculos.

4. Também a vida pública de Jesus reserva provas para a fé de Maria. Por um lado, causa-lhe alegria saber que a pregação e os milagres de Jesus suscitavam em muitos admiração e consenso. Por outro, vê com tristeza a oposição sempre mais enérgica da parte dos Fariseus, dos doutores da Lei, da hierarquia sacerdotal.

Pode-se imaginar o sofrimento de Maria diante desta incredulidade, que Ela constatava até nos seus parentes: aqueles que são chamados «os irmãos de Jesus», isto é, os ligados à Sua família, não acreditavam n'Ele e interpretavam o Seu comportamento como que inspirado por uma vontade ambiciosa (cf. *Jo 7, 2-5*).

Maria, embora sinta dolorosamente a oposição familiar, não rompe as relações com estes parentes, que encontramos com Ela na primeira comunidade à espera do Pentecostes (cf. *Act 1, 14*). Com a sua benevolência e caridade, Maria ajuda os outros a compartilharem a sua fé.

5. No drama do Calvário, a fé de Maria permanece intacta. Para a fé dos discípulos, este drama

foi chocante. Só pela eficácia da oração de Cristo foi possível a Pedro e aos outros, embora provados, retomar o caminho da fé, a fim de se tornarem as testemunhas da ressurreição.

Ao dizer que Maria estava aos pés da cruz, o evangelista João (cf. 19, 25) faz-nos entender que Maria continuou repleta de coragem naquele momento dramático. Foi sem dúvida a fase mais difícil na sua «peregrinação de fé» (cf. *Lumen gentium*, 58). Mas pôde estar de pé, porque a sua fé permaneceu sólida. Na prova, Maria continuou a acreditar que Jesus era o Filho de Deus e, com o Seu sacrifício, haveria de transformar o destino da humanidade.

A ressurreição foi a confirmação definitiva da fé de Maria. Mais do que em qualquer outro, a fé em Cristo ressuscitado assumiu no seu coração o mais autêntico e completo rosto da fé, que é o rosto da alegria.